

A descoberta do mundo, <i>Clarice Lispector</i> , 93
O beija-flor na neblina, <i>Guilherme Caspary Pinto</i> , 97
O futebol e a moda, <i>Mário Filho</i> , 105
Sonhos de uma sesta, <i>Xico Sá</i> , 113
Moléstia da época, <i>Olavo Bilac</i> , 117
Esquina, <i>Mário de Andrade</i> , 123
Meu pé de milho marchou, <i>Joaquim Ferreira dos Santos</i> , 129
Primeira corrida no Jôquet, <i>José de Alencar</i> , 133
Menino de ilha, <i>Vinícius de Moraes</i> , 137
Meus tempos de menino, <i>José Antônio</i> , 141
O coração dos homens, <i>Amândio Maria</i> , 145
Top, cintura baixa e a beleza imperfeita, <i>Rodrigo Naves</i> , 151
O rei dos animais, <i>Luís Martins</i> , 159
Escrever, <i>Rachel de Queiroz</i> , 163
As reuniões, <i>Aníbal Machado</i> , 167
Pequenas epifanias, <i>Galvão Fernando Algren</i> , 171
Arte de ser feliz, <i>Cecília Meireles</i> , 175
Meu pai foi um mistério em minha vida, <i>Arnaldo Jabor</i> , 179
Idetas de burro, <i>Machado de Assis</i> , 185
Hospital São Lucas, <i>Apícius</i> , 191
O silêncio das inocentes, <i>Geraldo Mayrink</i> , 195
Essa mocidade de hoje..., <i>Marcos Rey</i> , 201
Os namorados da filha, <i>Maryr Selzer</i> , 205
Amor, cinema e telefone, <i>Lima Barreto</i> , 209
Um amor tão bom, <i>Danteza Leão</i> , 213
O amor acaba, <i>Paulo Mendes Campos</i> , 217

Créditos, 221

Sobre o organizador, 223

Um gênero tipicamente brasileiro

Humberto Werneck

Da crônica se poderia dizer o que disse Mário de Andrade a respeito do conto: é tudo aquilo que chamamos de crônica. Quase tudo, de fato, cabe nesse rótulo ecumênico, da pequena peça de ficção ao poema em prosa, passando pela reflexão acerca de minudezas do cotidiano. A própria falta de assunto, volta e meia, vira assunto. O cronista, escreveu Carlos Drummond de Andrade, mestre também nessa arte, é alguém que "tem ar de remexer numa caixa de guardados, ou antes de perdidos". Com seu agradável bom humor, Rubem Braga, o maior dos cronistas brasileiros, respondeu certa vez a alguém que lhe pedira uma definição do gênero: "Quando não é aguda, é crônica".

Agudo como poucos, Braga é praticamente um caso singular entre seus pares. A maioria deles é formada por escritores que fizeram da crônica uma forma subsidiária de ganhar a vida. Poetas como Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Paulo Mendes Campos. Ficcionalistas como Aníbal Machado, Rachel de

Queiroz, Fernando Sabino, Clarice Lispector, Ivan Angelo e Caio Fernando Abreu, por exemplo — para não recuar a tempos mais remotos, a meados do século XIX, e chegar a José de Alencar e Machado de Assis, estrelas de uma época em que não se dizia “crônica”, mas “folhetim”. Ou mais adiante, no princípio do século XX, quando Paulo Barreto, o João do Rio, além de praticamente inventar a reportagem na imprensa brasileira, se espalhava em crônicas que, cem anos mais tarde, ainda têm o que dizer ao leitor.

Frequentedores diários das páginas dos jornais, Luis Fernando Veríssimo, José Carlos Oliveira, Stanislaw Ponte Preta e Nelson Rodrigues* publicaram também contos, romances, peças de teatro. Antônio Maria, cronista que escreveu pelos cotovelos, não brilhou menos no terreno da música popular, tendo assinado clássicos como “Ninguém me ama”. Arnaldo Jabor já era cineasta rodado e consagrado quando começou a projetar-se na imprensa — e acabou trocando a câmera pela moivola literojornalística.

Apício, pseudônimo de Roberto Marinho de Azevedo, notabilizou-se como autor de colunas de gastronomia capazes de saciar apetites também literários. Um dia, acometido de males do fígado (o que, tratando-se de um profissional do garfo & faca, talvez possa ser considerado um acidente de trabalho), lhe ocorreu escrever uma crônica — selecionada para esta antologia — sobre a comida do hospital onde esteve internado. Por que não?, poderia ele ter dito ao servir ao leitor essa colherada de legítimo caviar literário inspirado numa in-sossa canja hospitalar.

* Os dois últimos ausentes desta antologia devido a pendências de direitos autorais.

Alguns, como Joaquim Ferreira dos Santos, são jornalistas que fizeram da crônica uma atividade colateral. Outros, como Geraldo Mayrink e Guilherme Cunha Pinto, frequentaram o gênero com menos assiduidade; certamente não seriam escalados para uma antologia que fosse de cronistas, e não de crônicas, como esta que você tem nas mãos.

O mesmo não se poderia dizer de Rubem Braga, que foi inorgânicamente cronista. Se o “velho Braga” (como ele, ainda jovem, se referia a si mesmo) pulou a cerca e tratou o gênero, não foi mais de uma dúzia de vezes, para gerar uma dúzia de poemas. “Sempre escrevi para ser publicado no dia seguinte”, disse Rubem a Fernando Sabino. “Como o marido que tem que dormir com a esposa: pode estar achando gostoso, mas é uma obrigação.” A esposa, no caso o leitor, só tem a agradecer.

Sabino e Braga, aliás, e também Paulo Mendes Campos, por longos anos obrigados a desovar crônicas diárias, não se limitavam, nas horas de aperto, a requentar seus requintados escritos — chegaram a permutar, na moita, velhos recortes, na suposição de que os textos, de tão antigos, já se houvessem apagado da memória do leitor do jornal, recuperando assim a virgindade tipográfica. O troca-troca, contado por Fernando Sabino em “O estranho ofício de escrever”, está no livro *A falta que ela me faz*, e merece ser aqui reproduzido:

Éramos três condenados à crônica diária: Rubem no *Diário de Notícias*, Paulo no *Diário Carioca* e eu no *O Jornal*. Não raro um caso ou uma ideia, surgidos na mesa do bar, servia de tema para mais de um de nós. Às vezes para os três. Quando caiu um edifício no bairro Peixoto, por exemplo, três crônicas foram por coincidência publicadas no dia seguinte, intituladas respectivamente: “Mas não caiu?”, “Val cair” e “Calu”.

Até que um dia, numa hora de aperto, Rubem perdeu a cerimônia:

— Será que você teria aí uma crônica pequenitinha para me emprestar?

Procurei nos meus guardados e encontrei uma que talvez servisse: sobre um menino que me pediu um cruzeiro para tomar uma sopa, foi seguido por mim até uma miserável casa de pasto da Lapa; a sopa existia mesmo, e por aquele preço. Chamava-se "O preço da sopa". Rubem deu uma melhorada na história, trocou "casa de pasto" por "restaurante", elevou o preço para cinco cruzeiros, pôs o título mais simples de "A sopa".

Tempo mais tarde chegou a minha vez — nada como se valer de um amigo nas horas difíceis:

— Uma crônica usada, de que você não precisa mais, qualquer uma serve.

— Ven ver o que posso fazer — prometeu ele.

Acabou me dando de volta a da sopa.

— Logo esta? — protestei.

— As outras estão muito gostas.

Sou pobre mas não sou sôberbo. Ajeitei a crônica como pude, toquei-lhe uns remendos, atualizei o preço para dez cruzeiros e liquidei de vez com ela, sob o título: "Esta sopa vai acabar".

Eternamente deletável ou imediatamente deletável — depende menos do tema do que das artes do autor —, a crônica pode não ser um "gênero de primeira necessidade, a não ser talvez para os escritores que a praticam", como sustentava Luís Martins — um dos recordistas brasileiros nesse ramo da escrita, autor que foi de algo em torno de 3 mil palmos de prosa diária nos jornais. Em subgênero, há quem desdenhe, "Literatura em mangas de camisa", diz-se em Portugal. Mas, para o crítico Wilson Martins, trata-se de uma "espécie literária" que de jornalístico: "só tem o fato todo circunstancial de aparecer em periódicos".

Num estudo memorável, "A vida ao rés do chão", de 1980, recolhido no volume *Resortes*, o crítico Antonio Candido admite que "a crônica não é um 'gênero maior'" — para em seguida se rejubilar: "Graças a Deus", seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica mais perto de nós". E mais adiante: "[A crônica] não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embalar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha".

Outro crítico, Alceu Amoroso Lima, achava que "uma crônica, num livro, é como um passarinho alogado". Aplicável à prosa esquecível dos cronistas medíocres, o julgamento de Alceu não veste a contento os mestres no gênero. "Quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava", observa Antonio Candido, que vê na crônica "uma conversa aparentemente fiada". Ele não está falando, é claro, de qualquer um: "A vida ao rés do chão" foi publicado como introdução a uma coletânea de escritos de craques como Rubem Braga, Rachel de Queiroz, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade e Paulo Mendes Campos.

A esse quinteto se somavam, num abençoado momento, muitos outros grandes (Bandeira, Nelson Rodrigues, Mario Filho, Antônio Maria, Vinícius, José Carlos Oliveira), contribuindo para compor o que foi sem dúvida a quadra mais brilhante da crônica no Brasil: os anos 1950 e 1960. Naquela época, os leitores da finada *O Cruzeiro* tinham encontro semanal com Rachel de Queiroz na última página da revista — e os da *Manchete*, igualmente desaparecida, com Sabino, Mendes Campos e o velho Braga ("o sábio da crônica", batizou Stanislaw Ponte Preta), além de Henrique Pongetti.

Todo esse glorioso time já se foi. Mas não só a obra dos campeões permaneceu como tem havido uma constante reposição. E não só com o sangue novo de jovens escribas. Quando menos se esperava, o ficcionista e articulista Otto Lara Resende, à beira dos setenta anos de idade, virou a sensação da página dois da *Folha de S. Paulo*, no início da década de 1990. Não foi sem boa dose de razão que o cronista Telmo Martini observou: "A crônica é o pássaro dodó da literatura. Em quase todos os países, é um gênero extinto. Mas na reserva literária do Brasil é uma espécie em sempre crescente proliferação". De fato, aclimatou-se aqui melhor do que em qualquer outra parte do mundo — a ponto de se poder considerá-la um gênero tipicamente brasileiro.

"Uma coisa é certa", escreveu Vinícius de Moraes: "o público não dispensa a crônica, e o cronista afirma-se cada vez mais como o cafezinho quente seguido de um bom cigarro, que tanto prazer dão depois que se come."